**LITURGIA E TRANSMISSÃO DA FÉ**

*D. Geraldo Lyrio Rocha*

*Arcebispo De Mariana*

A formação na fé das novas gerações, bem como toda a ação evangelizadora, deve levar as pessoas à experiência profunda do encontro com Jesus Cristo vivo. A Sagrada Liturgia é um dos lugares privilegiados desse encontro (cf. Ecclesia in America, n. 12). Pelo seu Espírito, Jesus, está presente na Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas (cf. SC 7) e o encontro pessoal com o Senhor se dá especialmente na celebração da Eucaristia. O mistério de Cristo é comunicado aos fiéis na proclamação da palavra e na celebração sacramental. Consequentemente, as celebrações litúrgicas têm o sagrado dever de possibilitar sentir, experimentar e vivenciar Jesus, Palavra do Pai, que pelo seu Espírito está presente no meio de nós (cf. SC 14).

|  |
| --- |
| A Igreja crê da mesma maneira que ora: *Lex orandi lex credendi* - A liturgia, através dos ritos e das preces, nos dá e nos transmite o conteúdo da fé (SC 48). “A Liturgia é fonte e lugar de evangelização, pois nela Deus fala a seu povo e Cristo aí anuncia o Evangelho” (cf. SC 33). |

Na própria maneira como ela é celebrada, a Liturgia deve se expressar como lugar especial de presença do Evangelho vivo e, portanto, o espaço privilegiado de educação da fé, ou ainda, “a santa mistagogia permanente da Igreja”. A beleza encantadora e contagiante do mistério escondido nos ritos e nos símbolos deve poder expressar-se com toda a sua pujança, para que a Liturgia seja realmente evangelizadora.

|  |
| --- |
| A consciência da sacramentalidade da liturgia é pois sumamente importante na evangelização e na formação na fé das novas gerações. Ela nos educa na fé precisamente “mediante sinais sensíveis”. |

Daí a necessidade de tomarmos consciência da importância da *ars celebrandi* como a melhor evangelização, como nos ensina Bento XVI na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis* (n.38-65). A Liturgia deve contribuir, mas a seu modo, pela sua própria natureza, na tarefa evangelizadora: “A Liturgia anuncia a Boa Nova *celebrando-a*" (cf. SC 33).

A expressão da fé não é um ato meramente individual. Realiza-se por meio da comunidade eclesial, do povo de Deus. A Liturgia é a porta de entrada para a experiência da fé. É pela Liturgia que as pessoas têm, normalmente, o primeiro contato com a Igreja. A celebração litúrgica leva a uma experiência ativa da fé. Cristo, fazendo-se presente nas ações litúrgicas e na assembleia celebrante, nos leva a aderir a ele e ao seu projeto salvífico (cf. SC 33; IGMR 55). Assim, na transmissão da fé, a Liturgia desempenha um papel de extraordinária relevância, não só na iniciação cristã, mas na educação da fé dos próprios batizados. Os sacramentos alimentam a fé.

A Liturgia tem ainda a missão de levar os fiéis à plena maturidade da fé (SC 59). Daí a mútua relação entre Catequese e Liturgia: a Catequese faz parte de um processo que culmina e se ambienta na Liturgia; e a Liturgia, além de ter em si mesma uma dimensão catequética, é cumprimento e presença do mistério da salvação anunciado na Catequese. A Liturgia é pois lugar da educação da fé, porque nela a fé se forma, se desenvolve, se estrutura e se alimenta. Embora tenha uma grande eficácia didática, a finalidade da Liturgia não é direta e imediatamente ensinar. As celebrações não são e não podem ser reduzidas a uma lição ou sessão de catequese. Sua finalidade própria é cultual, mistagógica, atualizadora do desígnio de salvação realizado em Cristo.

|  |
| --- |
| A proclamação da Palavra de Deus na Liturgia tem um imenso poder evangelizador, pois faz com que a assembleia, ao ouvir a Palavra, viva uma profunda experiência do mistério de Deus.  |

O mesmo, com certeza, vale para a homilia como parte integrante da Liturgia. Por isso, o Papa Bento XVI, na Exortação pós-sinodal “*Sacramentum Caritatis*”, faz este apelo: “de modo particular, peço aos ministros para fazerem com que a homilia coloque a Palavra de Deus proclamada em estreita relação com a celebração sacramental e com a vida da comunidade, de tal modo que a Palavra de Deus seja realmente apoio e vida da Igreja. Tenha-se presente, portanto, a finalidade catequética e exortativa da homilia” (n. 46). Em sua Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, diz-nos o Papa Francisco: “É oportuno recordar que «a proclamação litúrgica da Palavra de Deus, principalmente no contexto da assembleia eucarística, não é tanto um momento de meditação e de catequese, como sobretudo diálogo de Deus com o seu povo, no qual se proclamam as maravilhas da salvação e se propõem continuamente as exigências da Aliança». Reveste-se de um valor especial a homilia, derivado do seu contexto eucarístico, que supera toda a catequese por ser o momento mais alto do diálogo entre Deus e o seu povo, antes da comunhão sacramental. A homilia é um retomar este diálogo que já está estabelecido entre o Senhor e o seu povo. Aquele que prega deve conhecer o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus e também onde é que este diálogo de amor foi sufocado ou não pôde dar fruto” [[1]](#footnote-1).

E acrescenta o Papa Francisco: “A homilia não pode ser um espetáculo de divertimento, não corresponde à lógica dos recursos midiáticos, mas deve dar fervor e significado à celebração. É um gênero peculiar, já que se trata de uma pregação no quadro duma celebração *litúrgica*; por conseguinte, deve ser breve e evitar que se pareça com uma conferência ou uma aula. O pregador pode até ser capaz de manter vivo o interesse das pessoas por uma hora, mas assim a sua palavra torna-se mais importante que a celebração da fé. Se a homilia se prolonga demasiado, lesa duas características da celebração litúrgica: a harmonia entre as suas partes e o seu ritmo. Quando a pregação se realiza no contexto da Liturgia, incorpora-se como parte da oferenda que se entrega ao Pai e como mediação da graça que Cristo derrama na celebração. Este mesmo contexto exige que a pregação oriente a assembleia, e também o pregador, para uma comunhão com Cristo na Eucaristia, que transforme a vida. Isto requer que a palavra do pregador não ocupe um lugar excessivo, para que o Senhor brilhe mais que o ministro”[[2]](#footnote-2).

|  |
| --- |
| Os gestos, símbolos e ações simbólicas na celebração litúrgica, quando realizados conscientemente, com autenticidade, de forma verdadeira, com amor, com espiritualidade e bom gosto, gozam de alto poder comunicativo do mistério celebrado e, por isso mesmo, contribuem para uma viva experiência do mistério, evangelizam e educam na fé.  |

O próprio espaço litúrgico, pela beleza de sua forma arquitetônica, pela harmonia de sua disposição interna e por sua iconografia, goza de significativa força na transmissão da fé: o espaço educa a uma fé que se traduz em espiritualidade comunitária. O mesmo vale para o canto e a música, pois têm a especial capacidade de atingir os corações e, como rito, grande eficácia pedagógica para levá-los a penetrar no mistério celebrado.

Enfim, uma das mais significativas forças mistagógicas da *ars celebrandi*  reside no exercício da presidência da Liturgia, sobretudo da Eucaristia.

|  |
| --- |
| O Papa Bento XVI afirma categoricamente que “a melhor catequese sobre a Eucaristia é a própria Eucaristia bem celebrada”, o que vale, com certeza, também para os outros sacramentos e toda a vida litúrgica. |

Se assim se proceder nas comunidades eclesiais, então a Liturgia contribuirá enormemente para a formação cristã e, consequentemente, para a transmissão da fé às novas gerações.

Neste contexto, emerge a exigência da inculturação da Liturgia. É evidente que a Liturgia, se quiser contribuir eficazmente no processo da formação da fé das novas gerações, deve necessariamente também adaptar-se às diversas expressões culturais, deve inculturar-se. A inculturação da Liturgia já é, podemos dizer, uma exigência da Igreja. O papa João Paulo II, na sua Carta Apostólica *Vicesimus quintus annus*, assim se expressa: "tarefa importante para o futuro é a da adaptação da Liturgia às diferentes culturas/.../. Resta ainda um considerável esforço a fazer, em continuidade com o que já se fez, para que lance raízes em algumas culturas, acolhendo aquelas expressões que possam harmonizar-se com os aspectos do *verdadeiro e autêntico espírito da Liturgia* e respeitando a *unidade substancial do Rito romano*, bem patente nos livros litúrgicos. O papa Francisco acrescenta: “O ser humano «é simultaneamente filho e pai da cultura na qual está inserido». Quando o Evangelho se inculturou num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como inculturação. Cada porção do povo de Deus, ao traduzir na vida o dom de Deus segundo a sua índole própria, dá testemunho da fé recebida e enriquece-a com novas expressões que falam por si”[[3]](#footnote-3).

1. PAPA FRANCISCO - *Evangelii Gaudium,*, n. 137 [↑](#footnote-ref-1)
2. Ibid., n. 138 [↑](#footnote-ref-2)
3. Ibid. 122 [↑](#footnote-ref-3)